



INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES

BANUMA ALBERTO CAETANO PINTO

**EMPREENDEDORISMO FEMININO COMO ESTRATÉGIA DE COMBATE À
POBREZA ENTRE MULHERES MANCANHÃS DE GUINÉ-BISSAU**

ACARAPE

2018

BANUMA ALBERTO CAETANO PINTO

**EMPREENDEDORISMO FEMININO COMO ESTRATÉGIA DE COMBATE À
POBREZA ENTRE MULHERES MANCANHÃS DE GUINÉ-BISSAU**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. James Moura Junior

ACARAPE

2018

RESUMO

A Guiné-Bissau é um país pequeno situado na costa ocidental da África, com uma superfície total de 36 125 Km², e uma população estimada de 1,6 milhões, sendo maioritariamente mulheres, com 51,6% e homens 48,4%. O país é considerado um dos mais pobres do mundo, na qual ocupa 171 no ranking mundial. Com uma economia voltada mais na produção agrícola. As sucessivas instabilidades políticas, e falta de uma educação inclusiva e do trabalho formal, leva muitas mulheres a procurar o empreendedorismo como sendo uma opção para obtenção do emprego e do rendimento do capital. Percebe-se que o fator do gênero é um dos elementos principal na estratificação da sociedade e divisão dos poderes. Isso foi construída como uma maneira de evidenciar as diversas formas de dominação e opressão masculina e, conseqüentemente, exclusão e submissão feminina, tanto em nível privado, como público nos diversos contextos sócio históricos. Na tentativa de ter uma vida melhor, as mulheres criaram novas alternativas através do comercio informal e economia solidaria, promovendo negócios diversificados com funções distintas - vendedoras ambulantes, nas feiras, nas *bolanhas/hortas*, na tecelagem, confecção, revendedoras dos produtos e nas demais atividades de geração de renda. Verifica-se que a maioria das mulheres mancanhãs se encontram nas atividades hortícolas - cultivo legumes e cereais-, enquanto que as outras trabalham como revendedoras. sendo “*lumis*” - feiras populares – o maior espaço de troca comerciais entre os camponeses e os operadores do sector informal. Nesta senda o presente trabalho busca analisar o impacto do “empreendedorismo feminino como estratégia de combate à pobreza entre mulheres mancanhãs de Guiné-Bissau”, assim como fatores que proporcionaram essas mulheres a entrarem no comercio informal. Propõe-se descrever a história de vida das mulheres mancanhãs assim com as estratégias utilizadas e os fatores que condicionam a essas mulheres entrarem no comercio informal; e as políticas públicas desenvolvidas pelo Estado, assim como as iniciativas de ONGs de empreendimento feminino em benefício das mulheres mancanhãs.

Palavras –chave: Empreendedorismo; Gênero; Educação; Economia solidária; Guiné Bissau.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	6
2. OBJETIVOS	8
2.1. Objetivo Geral.....	8
2.2. Objetivos específicos.....	8
3. JUSTIFICATIVA.....	8
4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICO.....	10
4.1. Emancipação Feminina.....	10
4.2. Fator de Gênero.....	11
4.3. Modo de vida socioeconômica da etnia mancanhãs.....	16
4.4. Empreendedorismo Feminino	19
5. METODOLOGIA.....	21
5.1. Método de pesquisa	21
5.2. Técnicas de coleta de dados	22
5.3. Descrição de participantes.....	24
5.4. Análises Realizadas.....	25
5.5 Aspectos Éticos	25
6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	26

1. INTRODUÇÃO

A Guiné-Bissau situa-se costa Ocidental do continente africano, fazendo fronteira ao Norte com o Senegal, ao Sul e Este com Guiné-Conacri e banhado pelo Oceano Atlântico ao Oeste. A Superfície total da Guiné-Bissau é de 36 125 Km² e a sua plataforma continental marítima é de 53 000 Km² (PAN/LCD, 2006)¹, e tem uma população estimada de 1,6 milhões, com 51,6% de mulheres e 48,4% de homens (INJAI, 2016).

A Guiné-Bissau faz parte do Grupo de Países Menos Avançados (PMA), sendo a sua economia considera uma das mais baixas do mundo com o PIB *per capita* de 700,5 USD, e com o crescimento real de PIB de 3,6 por cento (ANEME², 2018), e ocupa lugar 171 no ranking mundial, com 3.384 bilhões de dólares internacionais (FMI³, 2018). A instabilidade político-institucional dos últimos anos explica aproximadamente a degradação constante dos principais indicadores macroeconómicos.

Ao nível político, o país conheceu uma luta armada de libertação nacional que durou 11 anos contra o colonialista português, da qual as mulheres guineenses participaram ativamente. Contudo, elas são sistemicamente excluídas nas negociações de paz e as negociações políticas, ainda representa um número insignificante delas nos lugares da tomada de decisão e muito menos assumir cargos políticos de maior destaque (PNA/LCD⁴, 2000). Sendo assim, as mulheres são obrigadas a recorrer os outros meios para gerar as suas próprias encomias.

Socialmente muitos delas tornaram chefes de família, cuidando financeiramente de casa, dos filhos, e até dos maridos. Sendo elas encontradas nos diversos exercícios das suas funções, como trabalhadoras domésticas, vendedoras nas feiras, horticultoras e agricultoras. Ainda algumas delas se encontram na criação dos gados, bovinos e suínos. Trabalhando para suprir as necessidades domésticas que muitas das vezes distanciam tanto uma quanto a outra do território educacional formal. Verifica-se que as mulheres mancanhãs e mancanhãs no geral tem maior aceso à educação.

Um marco para ajudar essas mulheres, foi a implementação da política educacional de inclusão, oportunizando parte delas a se tomarem iniciativas de começar

² ANEME – Associação Nacional das Empresas Metalúrgicas e Eletromecânicas (abril 2018)

³ Fundo Monetário Internacional, Relatório para Países e Assuntos Seleccionados (abril 2018)

⁴ PAN/LCD -Projecto do Plano de Acção Nacional da Luta Contra a Desertificação na Guiné-Bissau

os seus próprios negócios, através dos microprojetos, acabando-se se virar em pequenas empreendedoras. Apesar da falta de apoio por parte do governo, este, com a desastrosa implantação do Programa de Ajustamento Estrutural asfixiou a economia do país provocando a instabilidade, forçando algumas mulheres a desistirem do empreendimento, e irem para o comércio informal (BARROS, 2014).

Assim, compreende-se a superação do minimalismo institucional econômico para as mulheres empreendedoras pode ocorrer por meio da economia solidária. Nesse sentido, Barros (2014), o empreendedorismo é parte do atual entendimento do conceito e da imagem da sociedade civil que tem melhorado na perspectiva de programas alternativos de democracia e da cidadania, nos quais ela é obrigada a tomar responsabilidades sociais deixadas pelo Estado. Nesta perspectiva que empreendedorismo vem legitimando as mulheres, tornando-as visíveis na sociedade e autônomas nas suas tomadas de decisão, quer na família assim como na sociedade em geral.

Hoje em dia, a grande parte da família na sociedade guineense são liderados pelas mulheres. Estas proporcionaram novas alternativas através dos negócios informais que elas promovem no dia-a-dia, garantindo assim uma vida digna, na qual trabalham com o espírito de solidariedade e de fraternidade. Os negócios realizados por estas mulheres são diversificados cuja as funções são distintas - vendedoras ambulantes, nas feiras, nas *bolanhas*/hortas, na tecelagem, confecção, revendedoras dos produtos e nas demais atividades de geração de renda (SILVA, 2008).

Na etnia Mancanhã, maioria das mulheres encontram nas atividades hortícolas - cultivo legumes e cereais-, enquanto que as outras trabalham como revendedoras desses produtos nos mercados. Na venda e revenda destes produtos existe uma encruzilhada, sendo um espaço troca denominados “*lumus*” (mercados ou feiras populares), onde os camponeses e os operadores do sector informal levam seus produtos para serem vendidos.

O presente trabalho de conclusão curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB visa analisar o impacto do “empreendedorismo feminino como estratégia de combate à pobreza entre mulheres mancanhãs de Guiné-Bissau”, assim como fatores que proporcionaram essas mulheres a entrarem no comércio informal. Sabe-se que, na Guiné-Bissau, apesar ocuparem poucos cargos na esfera política do país, desempenham um papel importante na redução de pobreza e no sustento da família.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

- Analisar os impactos do empreendedorismo feminino no combate à pobreza na história de vida das mulheres mancanhãs.

2.2. Objetivos específicos

- Descrever a história de vida das mulheres mancanhãs da Guiné-Bissau.
- Analisar as estratégias utilizadas e os fatores que proporcionaram as mulheres mancanhãs de Bissau a entrarem no comércio informal.
- Identificar se as políticas públicas e iniciativas de ONGs de empreendedorismo feminino teve impacto nas histórias de vida das mulheres mancanhãs desenvolvido entre as mulheres mancanhãs.

3. JUSTIFICATIVA

Sendo mulher e acadêmica de curso das ciências humanas, surgiu esta inquietação através de algumas temáticas abordadas na academia, nos projetos de extensão e no demais movimentos associativos. Durante a minha participação, despertou em mim a vontade de pesquisar o empreendedorismo feminino na Guiné-Bissau voltado a etnia Mancanhãs. Buscando analisar os impactos do empreendedorismo feminino no combate à pobreza na história de vida das mulheres Mancanhãs, com intuito de entender porque grande parte destas mulheres se encontra no comércio, e não noutros setores mais qualificados ou nos trabalhos considerado mais dignos.

Do outro lado, está temática foi escolhida através duma vivencia familiar, onde a maioria são mulheres. Nesta perspectiva trouxe a questão do gênero para dialogar com o empreendedorismo, buscando intender como é que estes laços são construídos. Além disso, compreende-se a relação entre gênero e empreendedorismo feminino há benefícios para a sociedade e ajudam na formulação das políticas públicas.

O empreendedorismo feminino é uma temática pouco pesquisada no contexto da Guiné-Bissau. E, muitas das vezes, as políticas públicas não são pensadas voltada a esta

área. Neste sentido, é relevante esta pesquisa porque trata-se de um setor de produção, desenvolvimento e sustentabilidade, no qual o Estado deve investir, incentivar assim como atrair os empresários a investirem neste setor. Para isso, é necessária criação dos espaços de formações sobre o empreendimento e temáticas que visem mostrar como manter os empreendimentos em constante crescimento sem entrar em apuros. Portanto, este trabalho pode contribuir para a sociedade, em particular a camada feminina, realçando a importância que as mulheres desempenham no comércio, na educação dos filhos e na economia, a partir do empreendimento.

Lembrando que as lutas das mulheres não são de hoje, mas sim desde os períodos coloniais, e que vem sendo barradas pelos paradigmas dominantes, postas pela sociedade, inferiorizando a sua capacidade de produção do conhecimento. Isso conduziu muitas mulheres a recorrerem as atividades econômicas, como solução para melhoria das suas condições de vida, na qual podem beneficiar de algumas regalias dentro da sociedade onde estão inseridas, como posse, tendo a sua própria economia, assim como participar na tomada de decisão. Nessa ótica, este trabalho torna-se relevante ao trazer essa realidade no campo acadêmico, mostrando como as mulheres guineenses, em particular da etnia Mancanhã, têm demonstrado os seus valores na melhoria da vida da sua família, assim como na sociedade guineense em geral.

Espero com que este trabalho possa contribuir para a sociedade, pois um estudo que, além de debruçar sobre a vida das mulheres no mercado do trabalho – formal e informal-, vai trazer de perto a realidade guineense, isto é, das principais atividades empreendedoras realizadas entre as mulheres mancanhãs no seu cotidiano, quer no seio familiar, assim como noutros espaços sociais.

Este trabalho pode contribuir futuramente para somar as outras referências, servindo de base para os discentes, professores, pesquisadores/investigadores e a sociedade como um todo, interessados que posteriormente poderão interessar em aprofundar as temáticas voltadas a esse campo de estudo (empreendedorismo feminino); isso pode servir como suporte para futuros pesquisadores para a realização das suas pesquisas.

Ademais, cabe destacar aqui que este trabalho ainda se encontra na fase de andamento, significa que pode sofrer algumas alterações no seu desenvolvimento, dependendo dos resultados encontrados durante a nossa pesquisa.

4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICO

4.1. Emancipação Feminina

Mediante processos políticos e mudanças econômicas radicais, as relações entre os sexos começaram a se transformar. Na Alemanha, Europa e em todo o mundo, as relações sociopolíticas e a igualdade jurídica das mulheres puderam avançar graças à influência dos movimentos de mulheres e da teoria e prática feministas (FUNDAÇÃO, HEINRICH BOLL STIFTUNG, 2017). Tais mudanças políticas e sociais, bem como as transformações econômicas e culturais provocadas pelos processos da globalização, criaram em todos os lugares uma grande Variedade de formas de vida e trabalho. (FUNDAÇÃO, STIFTUNG, 2007, p.3).

No século XIX, com administração colonial já instalada, as mulheres trabalhavam como sendo empregados de administração pública, e em alguns casos como empregados comerciais nas fábricas e muitas das vezes tinham as suas pontas (quinta) através das suas experiências e vivências criavam um espaço de formação dentro das suas casas, onde ensinavam corte e costura, bordas, culinária e entre outros (HEINRICH BOOL STIFTUNG, 2007). No século XX as situações das mulheres mudaram, apesar de conquistas não são debatidas tanto na Alemanha assim como noutros países, denota a ausência das políticas públicas para que sejam eliminadas as estratificações da sociedade, a nomeação do poder e convivência de domínio entre sexos (HEINRICH BOOL STIFTUNG, 2007).

Na busca dos seus direitos e reconhecimento, começaram a se mobilizarem e se formarem movimentos associativos e coletivos para promover os seus interesses econômicos e político - através de *mandjuandades*⁵, nas *abotas*, nas feiras, e nos movimentos. Apesar de alguma evolução positiva em termos dos direitos cívicos, econômica e sociais, a política continuou a ser espaço da sociedade dominado por valores e atitudes masculinas, mantendo-se um reduzido acesso das mulheres a esse território (BARROS; SEMEDO,2013, p.17). Ou seja, segundo supracitados, verifica-se ainda número insignificante das mulheres nos espaços de poder, e delas que se encontram nestes espaços, não ocupam grandes lideranças, muito menos grandes destaques nas esferas sociais, principalmente face os homens. Podemos dizer que que

⁵ As mandjuandades são associações composta maioritariamente pelas mulheres, com base voluntária, democráticas e igualitária, sustentadas pela solidariedade e partilha de interesses individuais e coletivos.

o mundo cresceu sem levar em consideração as mulheres, porque a sociedade continua vendo o homem como sendo superior e detentor de todo o conhecimento.

Para minimizar essas situações, leva muitas mulheres a recorrerem outras vias para obterem seus próprios capitais financeiros, razão pela qual muitos começaram a fazer negócios através das atividades empreendedoras. Isso porque, empreender é uma atividade que desperta da vida das mulheres, a qual elas adotam como caminho para descobrir novos horizontes, gerar rendas e ter autonomia própria, podendo assim satisfazer as suas necessidades. Para muitas delas, fazer negócios é uma questão de sobrevivência, e outras não, mas sim é uma questão de oportunidade de obterem sua autonomia própria, não dependendo assim dos seus maridos.

4.2. Fator de Gênero

A concepção do gênero foi construída como uma maneira de evidenciar as diversas formas de dominação e opressão masculina e, conseqüentemente, exclusão e submissão feminina, tanto em nível privado, como público nos diversos contextos sócio históricos. (AMARAL, 2001, P.20).

Hoje em dia verifica-se um aumento de número das mulheres no mercado trabalho, em particular do comércio informal, do que no passado. Com a inserção no campo do trabalho torna-lhes imponderadas e dando-lhes direito de usufruir de alguns privilégios. Apesar das mudanças feitas, ainda representam 60% da população mais pobre a nível mundial (HIENRICH BOOL STIFTUNG, 2007). Corroborando com essa informação, Morim e Batista (s/d), a importância do empreendedorismo feminino contribui na economia, na qual cria um emprego para si e para os outros.

O desenvolvimento econômico e a mudança na estrutura social são fatores que contribuíram bastante na transformação das suas vidas e na diminuição das desigualdades sócias. Independentemente de razão, as mulheres optaram pelo empreendedorismo como sendo meio para conseguirem os seus objetivos. Para que isso aconteça o Estado deve criar condições e incentivar as pessoas a investirem neste campo de atuação, assim como espaços de formação e de capacitação, na qual possa torna-las mais aptas, capazes de ir ao encontro de todos tipos de saberes, tornando seus empreendimentos mais qualificáveis (AMORIN; BATISTA,2013).

Verifica-se que as mulheres têm uma capacidade extraordinária de lidar com muitos trabalhos no decorrer do mesmo tempo, sem pôr em causa as suas responsabilidades e cuidado (marido, filho, trabalho etc.). Este estilo diferencial de gerenciar as coisas, permitindo o equilíbrio das suas vidas na sua tripla jornada (MORIM; BATISTA,2013).

De acordo com Barros e Semedo (2013), em muitas sociedades as meninas são preparadas e ensinadas alguns valores e costumes para se tornarem futuramente boa dona de casa. Estas formas de educação com o tempo passam a ser algo naturalizadas, reservando assim o espaço das mulheres dentro da sociedade, incutindo-as certos mandamentos, para que não possam ser questionados ou infligidos. Muitas vezes, essas são excluídas da educação formal, deixando este espaço para os rapazes. O exemplo da Guiné-Bissau, da então Guiné-Portuguesa, as escolas eram muito difíceis e muito menos para as mulheres. A partir dos anos 1881, começa a criação das escolas femininas, conforme consta do boletim oficial do governo da província da Guiné-Portuguesa, nº 2, de 1881.

Percebe-se, portanto, que a situação colonial de uma ou outra forma contribuiu numa forma negativamente no que diz respeito a situação econômica na Guiné-Bissau. Logo após a independência, a Guiné-Bissau se encontrava numa situação financeira catastrófica. Ultramarino não contava com mais de vinte centavos de escudos depois de entrega dos poderes por Portugal (CÁ, 1999, apud CÁ, 2010, p.62).

Por outro lado, verifica-se em alguns lugares, caso concreto dos “*gans*”, mostram que as mulheres tinham um papel muito importante no rendimento da família, com a sua dupla função do trabalho. Além de administrar e controlar os trabalhos agrícolas, gerenciava o comércio, elas tinham mais a proximidade com os trabalhadores (BARROS E SEMEDO, 2013).

No século XVI a princípio do século XX, a mulher apresenta um dinamismo ligado ao intenso movimento comercial dos lançados ou *tongomaus* na costa ocidental africanas. Trabalhando juntamente com os maridos nos atos comerciais e como intermediárias (BARROS e SEMEDO, 2013). Os mesmos ainda demonstram que as mulheres faziam vários trabalhos fora de casa na qual gerava rendimentos que contribuía na economia doméstica, conduzindo-lhes ao comércio informal e comerciantes retalhistas ou vendedoras, além de serem donas de pequenas riquezas domésticas: rebanhos e gados.

Nos últimos anos, mais de 51% das mulheres tornaram-se chefe de família, sustentando a casa, os filhos e até do marido, passando a assumir assim algumas

lideranças. O curioso é a maioria delas se encontra sem parceiros. Sylla (2002) mostra que, entre estas mulheres verifica-se um desequilíbrio entre cidade e região. Na cidade se encontra mais divorciados/separados (4,1%) enquanto que na região a questão da viuvez é mais frequente, correspondendo (6,5%) as duas situações representam respectivamente 10,6% das mulheres guineenses.

Estatísticas mostram que existem vários fatores que estão detrás desse aumento de números significante das mulheres no comercio informal, tornando assim pequenas empresarias. Algumas respostas podem ser encontradas na educação familiar, nas escolas e em outros espaços de contatos sociais (BARROS; SEMEDO, 2013).

É necessário realçar que a família tem grande papel na formação da criança. Assim elas podem espelhar-se nos país, assim como os professores que devem trabalhar para a melhorar as condições curriculares, trazendo temáticas voltadas a equidade social, a permanência dos estudantes dos estudantes nas escolas, educação abrangente de inclusão e do reconhecimento das diferenças/ valores.

Sylla (2002), às vezes as razões das desistências parte do interesse próprio, assim como, elevados custos escolares, do outro lado a distância pode influenciar bastante nesse percurso. Por isso, o Estado deve investir muito na educação formal, abrangendo toda a esfera social, evitando a concentração na cidade, que muitas das vezes proporcionam a desistência por falta de meios econômicos. Grande parte dos desistentes se encontram as meninas tendo encontra o casamento forçados e outros tipos de violências e maus tratos.

Na Guiné-Bissau, desde o processo colonial as mulheres começaram duma foram significantes nos espaços de tomada de decisão e políticas. Após esse período, isso da independência do país, apercebe-se as mulheres passaram a ser colocados do lado, razão pelo qual elas são excluídas dentro dos importantes assuntos do país, achando que elas não estão preparadas a lidar com a situação vivenciadas do momento e muito menos pensar uma solução. Barros e Semedo demostram que:

Ao longo da história da Guiné-Bissau, as mulheres têm demonstrado uma forte capacidade de intervenção na liderança política, nos esforços de consolidação da paz, na luta pelos direitos humanos, bem como no desenvolvimento econômica e social. No entanto, no contexto de instabilidade política e governativa tem construído um entrave à continuidade na adoção e implementação de políticas e processos públicos que permitem fazer face aos constrangimentos que as impedem de gozar em pleno os seus direitos cívicos e políticos (BARROS; SEMEDO, 2013, p.13).

Apesar de grandes conquistas feitas pelas mulheres, Barros e Semedo (2013), ainda se verifica que número insignificante das mulheres nos espaços de poder, e delas

que se encontram nestes espaços, não ocupam grandes lideranças, muito menos grandes destaques nas esferas sociais, principalmente face os homens. Podemos dizer que o mundo cresceu sem levar as mulheres, porque a sociedade continua vendo o homem como sendo ser superior e detentor de todo o conhecimento. Podemos ver que existe alguns fatores por detrás dessa ausência.

- a) A ausência de políticas públicas voltadas as mulheres empreendedoras e falta de financiamento dos seus micros e macroprojetos;
- b) Falta de unificação e de organização interna dentro no movimento das mulheres;
- c) Estratificação dos grupos e espírito de pertencimento a um certo grupo étnicos dentro do movimento;
- d) Falta de referências femininas nos espaços de poder.

Com a ausência dos financiamentos muitos acabam por ficar no meio do caminho e outros acabam por não atingir o objetivo traçados. Verifica-se um pouco interesse a nível governamental principalmente do governo de PAIGC⁶, que teve mais mandatos na história da Guiné-Bissau, não oportunizaram os camponeses guineenses e muito menos pautearem em construir as estradas e vias de acesso a esses camponeses, para transportarem os seus produtos que haviam sido de primeira qualidade nas regiões sul do país e demais regiões. Acabando assim importando produtos de externo (CÁ, 2010).

A pobreza é um dos principais fatores da desigualdade social e de estruturação das sociedades. A Guiné-Bissau se encontra na lista dos países do terceiro mundo e a sua economia e considerado uns dos mais baixos do mundo, e que a maioria da sua população sobrevive da agricultura. Após a independência o país tem vido por constantes instabilidades políticas e assim como graves. Em 1998, o país passou por um conflito armado que durou um ano. Além disso, a Guiné-Bissau, nunca teve um pretendente ou um primeiro ministro a terminar o seu mando na sua história. Essas sucessivas instabilidades políticas tiveram um impacto negativo na economia do país. Admite que a guerra civil de 1998 levou a queda de 28% PIB naquele ano. Antes deste conflito o governo pautava muito na questão da reestruturação do mercado comercial e as suas liberações dos preços, prosseguindo com o programa de integração estrutural do país, no âmbito de apoio por parte do fundo monetária internacional (PLANTETA, TERRA, 20018).

A desigualdade na distribuição do rendimento é uma das mais extremas do mundo. De acordo com Planeta Terra (2018), cerca de 69,3% da população vive abaixo do limiar de

⁶ PAIGC - Partida Africano para Indecência da Guiné e Cabo Verde

pobreza. As estabilidades políticas vividas na Guiné Bissau influenciou bastante na queda de produção agrícola e comercialização e venda. Levando o país a não desenvolvimento, passando a depender de ajudas externas, principalmente de banco mundial ou de fundo monetária. (PLANTETA, TERRA, 20018).

Nesta senda, constata-se, desde logo, que os níveis de desenvolvimento humano em geral progrediram de uma forma significativa pelo mundo, ainda é pertinente lembrar que apesar desses aumentos, nem todos conseguiram atingir o progresso da mesma forma tendo em conta o espaço dimensional e geográfico do país (SYLLA, 2002). Ainda enfatiza o mesmo autor que, economia da Guiné-Bissau é sustentada pelo setor primário com uma percentagem de 45% do PIB, dominada pela produção do arroz e castanha de caju e por outro lado verifica-se nas atividades dos sectores terciários, cuja as infraestruturas em Bissau e nas periferias.

Para minimizar isso, Estado deve investir muito na formação dos jovens, saúde, proteção social, trabalho, cultura e lazer, sendo que estes podem contribuir para o bem-estar social e o equilíbrio do país nas diferentes esferas sócias assim como no desenvolvimento sustentável. Um dos grandes problemas está na educação, sabendo que ele é um processo de construção, de orientação sociais dentro da sociedade, seus comportamentos perante os seus lugares, e estes conjuntos de códigos influencia muito na construção de carácter do indivíduo, e podem ser repassadas de geração em geração.

Um dos grandes desafios relacionados com a camada feminina é o desemprego, que está associada ao baixo nível de formação técnico-profissional. Tendo em conta pouca a carência institucional. Isso proporciona algumas limitações nas vagas ofertadas. Levando o país a desigualdade social, e que as vezes influencia muito no início de dos negócios como sendo forma viável para resolução dos problemas e sustentabilidade (BARBOSA, 2015). Na tentativa de minimizar as desigualdades sociais criaram novas políticas para atuar nesta área. Na qual podemos ver que,

A lei da paridade, ou lei de quota, é uma conquista no sentido da garantia de uma representatividade equitativa nos cargos que integram a esfera de decisão (exemplo, deputados da Assembleia Nacional Popular, autarquias locais, a distribuição das pastas ministeriais e de Secretarias de Estado, a nomeação dos Diretores Gerais, Governadores Regionais e Administradores Locais). Todavia, não obstante este dispositivo legal servir como elemento de promoção da participação política tanto de homens como de mulheres, na sua materialização o risco reside numa aplicação leviana desta lei que fará com que haja, efetivamente, uma representatividade feminina consolidada, mas carente do elemento basilar, o mérito/a capacidade comprovada. Isto porque a realidade social guineense revela-nos uma camada feminina largamente despreparada e incapacitada, por todas as razões já enunciadas nos pontos anteriores (BARBOSA, 2015, p. 47).

Percebe-se que a lei de quota surgiu a partir das lutas de alguns movimentos feitas pelas mulheres, cuja a pauta é buscar os seus reconhecimentos e a participação nas diversas esferas sócias, especial na tomada de decisões políticas, diminuindo as desigualdades que se verificavam entre os homes e as mulheres.

4.3. Modo de vida socioeconômica da etnia mancanhãs

Na etnia mancanhãs, os dois mundos – o Físico e Espiritual -, têm grandes valores na estruturação da sociedade, na formação dos indivíduos e nas suas demais relações. Mostrando a importância do relacionamento entre as pessoas em quanto ser racional dentro da natureza. Para os mancanhãs a solidariedade é fundamental, o espaço territorial pertence a todos sem nenhuma exceção (FONSECA, 1997).

Antes de decidirem ao cultivo do milho e outros cereais, os *brames* (mancanhãs) alimentavam-se sobre tudo de produtos da caça, da pesca, de *chabéu*, inhames do mato e das coletas dos frutos que lhes oferecia a natureza. Depois que os mancanhãs começaram a trabalhar com a agricultura, não deixam os seus alimentos básicos do passado (FONSECA, 1997). Para eles a terra não é um espaço privado, mas sim coletivo pertencente a todos, onde pode apropriar de um pedaço para fazer os seus cultivos. Por isso, a filosofia *ubuntu* vem nesta lógica de africanidade e de solidariedade, onde todos trabalham para um e um para todos, mostrando quanto é importante a economia solidária e viver na fraternidade.

Esta forma de viver pode contribuir para o desenvolvimento sustentável e de radicação da pobreza social dentro das comunidades (CIRANDAS, 2003). A autora ainda demonstra que a economia solidária é projeto de visa proporcionar o desenvolvimento integral e sustentável, promovendo a justiça econômica, social, cultural e ambiental na democracia participativa na base da troca e fraternidade

Esta filosofia foi criada pensando no bem comum, onde todos trabalham em benefício da comunidade. Para os Mancanhãs a questão do coletivismo deve estar em cima de todas as outras necessidades pessoais. O espírito de pertencimento deve ser valorizado, saber respeitar o outro e ter a capacidade de abrir a mão dos interesses pessoais para o bem de todos. “Um dos primeiros princípios da ética ubuntu é a libertação do dogmatismo. É flexibilidade orientada para o equilíbrio e para a harmonia no relacionamento entre seres humanos, e entre os últimos e o mais abrangente ser-sendo ou natureza” (RAMOSE, 2002, P. 4).

As mulheres mancanhãs trabalham nesta perspectiva da economia solidaria na qual cultivam legumes e cereais. As trocas entre elas são feitas na base da justiça, pensando sempre no outro em quanto revendedora, para realização destas trocas existe uma encruzilhada para estas trocas chamado “*lumis*” (feiras populares), onde os camponeses e os operadores do sector informal levam seus produtos para serem vendidos.

A economia solidária, Cirandas (2003), contesta tanto o conceito de riqueza como os indicadores de sua avaliação que se reduzem ao valor produtivo e mercantil, sem levar em conta outros valores como o ambiental, social e cultural de uma atividade econômica. Ela é organizada pelas mulheres e pela população local como um exercício ativo de cumprir as suas responsabilidades de cidadãos dentro da sociedade, exigindo o respeito à autonomia assim como a responsabilidade do Estado pela defesa dos direitos universais dos trabalhadores, cuja as políticas neoliberais pretendem eliminar.

Ainda Ciranda (2003) ressalta que a “economia solidária não se confunde com o chamado Terceiro Setor que substitui o Estado nas suas obrigações sociais e inibe a emancipação dos trabalhadores enquanto sujeitos protagonistas de direitos”. Ela é, acima de tudo, a “emergência de novo ator social de trabalhadores como sujeito histórico” (CIRANDA,2003, p.4). Este modelo de economia merece um destaque e um tratamento especial, tendo em conta o seu empenho no desenvolvimento das sociedades, e nas mudanças das realidades locais, buscando assim minimizar o sofrimento das mulheres através deste processo de troca dos produtos e comercialização simbólicas.

Mesmo com o crescimento da participação feminina no mercado de trabalho de qualquer natureza, as diversas responsabilidades assumidas no dia a dia ainda ensejam uma série de dificuldades na entre relações entre os gêneros. Em oportunidades no âmbito das organizações de economia solidária que visem produção e comercialização de bens ou serviços de maneira comunitária, possivelmente pautadas em solidariedade e cooperação, e que as mulheres envolvidas nestas iniciativas parecem conseguir minimizar algumas dessas desigualdades. (HERK,2001, p.9).

Nesta observação acima, pode-se perceber que, as mulheres, na sua participa perante o mercado de trabalho, deparam com muitas dificuldades. Neste sentido, através da economia solidaria, elas podem angariar fundos que lhes permite a sobrevierem sem pôr em causa as suas dignidades.

Na cultura mancanhãs, a pessoa não é indivíduo isolado, é um mundo aberto, um centro de relações, um ser com uma miniatura. Ela ocupa o primeiro lugar no mundo dos seres inferiores. A pessoa não está imersa numa massa anónima, sacrificada aos interesses da comunidade. Ela tem um nome e suas responsabilidades pessoais; os seus direitos

invioláveis: direito à família, ao apoio, respeito e a uma boa reputação. A pessoa tem prioridade sobre todo o sistema de ideias e sobre as coisas (FONSECA, 1997).

Na Guiné-Bissau, existe dois tipos de comércio: formal e informal. Assim, quanto ao formal encontram-se mais homens em relação as mulheres. Tudo isso se restringe a educação formal e o desequilíbrio econômico, entre outros. Enquanto que o informal é chefiada pelas as mulheres. Geralmente nestes tipos de empreendimento é difícil encontrar sócios e muito menos funcionários, e que muitas das vezes acabam por desaparecer.

Com o surgimento de alguns bancos não governamentais ajudou bastante na redução da morte pré-maturo das pequenas empresas. Política estrutural e o microcrédito oferecido por “bancos” não-oficiais, tem se mostrado como uma boa opção para os trabalhadores que buscam sua reinserção no mercado ou a melhoria da qualidade de vida através do trabalho (SILVA, 2008). Além dos bens econômicos que eles proporcionam para essas mulheres, também se encontra outros fatores detrás desta estratégia, na qual está ligado com a questão sobrevivência, geração de renda, emprego, autoestima, autonomia, independência e realizações.

Os negócios realizados pelas mulheres são diversificados cuja as funções são distintas (vendedoras ambulantes, nas feiras, nas bolanhas/hortas, na tecelagem, nas salons de beleza, confecção, revendedoras dos produtos e nas demais atividades de geração de renda (SILVA,2008). A autora ainda afirma que a consequência da pobreza reside nas dependências familiares e que,

Os agregados familiares cujos chefes são assalariados ou independentes/empregadores são relativamente menos afetados pela pobreza. Contudo, estes agregados contribuem mais para a pobreza talvez devido ao seu tamanho mais importante. O sistema de família alargada leva as pessoas a concentrarem-se a volta de pessoas tendo um rendimento regular que permite satisfazer as suas necessidades. Ademais, as pessoas vivendo em dependência nestes agregados familiares são na sua maioria “sem-emprego” (inativos e desempregados), representam 52,3% contra 50,9% nos agregados familiares não-pobres. A consequência desta situação reside no facto que as taxas de dependência são ainda mais elevadas nos pobres o que acentua inelutavelmente a degradação das suas condições de vida. (SYLLA, 2002, p.26).

Percebe-se nesta situação acima de que na Guiné-Bissau, existe esta divisão de classe, entre os assalariados - com um número reduzido membros familiares -, e os desempregados, cuja estas são mais afetadas pela pobreza e com grande número de membros familiares. Os que são oriundas de família numerosas, não são compostas só pelo pai, mãe e filhos. A maior parte dessa família são liderados pela mulher, as quais criaram novas alternativas de promover os trabalhos informais e garantir uma vida digna.

4.4. Empreendedorismo Feminino

Segundo Chiavenato (2017, p. 17), “empreendedora é a pessoa que inicia e/ou opera um negócio para realizar uma ideia ou projeto pessoal assumindo riscos e responsabilidades e inovando continuamente”. Para Dolabela (2008), empreendedor é a pessoa que sonha e busca transformar o seu sonho em realidade. Portanto, as mulheres adotam este método como sendo instrumento de transformação das realidades e pôr em pratica as suas demandas. Não só, mas também é um espaço de fala, na qual elas podem expressar as suas angustias, tornando imponderadas a partir dos seus negócios.

Chiavenato (2017) salienta que os empreendedores podem trazer a inovação, encorajando o aumento da economia. Ser empreendedor não se restringe só na troca dos produtos ou prestação do serviço, mas sim é saber contornar as situações difíceis nos momentos certos e ter a consciência das causas e as consequências de possíveis mudanças e transformação posteriores. Ele carrega a liderança e formas que podem conduzir ao desenvolvimento ao avanço da nação.

De acordo com Amorim e Batista (2013), falta do trabalho formais, leva as mulheres a procurar o empreendedorismo como sendo a segunda opção para obtenção do emprego e do rendimento do capital, podendo assim complementar nas suas despesas familiares. Este processo está presente em todo ser humano. Como tantos outros potenciais, precisam ser estimulados para se manifestar (DOLABELA, 2008).

O empreendedorismo legitima as mulheres, tornando-as assim o invisível no visível, nos processos de desconstrução dominatórios, deixado pelo colonialismo, e que vem sendo alimentado pelos homens. Segundo fundação Heinrich Boll Stiftung (2007, p. 5), “mesmo que as conjunturas de poder e interesse estejam em constante transformação, são justamente as estruturas hierarquizantes entre os gêneros as que permanecem profundamente enraizadas nas instituições e organizações da sociedade”. Gênero é um dos fatores principal da desigualdade social e da divisão do poder. Essas diferenças sociais tem um papel fundamental na estruturação da sociedade entre ambos sexos (homens e mulheres). Além disso, podemos considerar a questão econômica como principal alavanca para definição das pessoas, dentro das suas interações e nos demais relações (TILIO, 2014).

Desde os tempos remotos já se encontrava estes paradigmas dominantes, entre os gêneros, as que mais sofrem com isso são as mulheres. Essas hierarquizações estão sendo vivenciadas até os dias de hoje. São frutos do processo colonial, cuja a lógica é na divisão do

poder entre os sexos, na qual criou um reflexo da imagem da mulher, dando o poder aos homens de subjugar-las, como sendo seres inferiores que precisam de cuidados.

A situação econômica, muitas das vezes, influencia bastante na questão da desigualdade social e estruturação das sociedades. Em alguns países da África ainda está vigente um grande número das pessoas com menos nível de escolarização e com um índice da pobreza muito elevado, inclusive a Guiné-Bissau que se encontra na lista dos países mais pobres do mundo.

Borges (2004), os modos estruturais das organizações sociais das mulheres em África são comuns. Essas semelhanças estão relacionadas com a questão do gênero que, muitas das vezes, são associados com os hábitos culturais. Este não reconhecimento das mulheres condicionam-lhes ao nível mais baixa tanto na educação formal assim como econômico, descartando-as dos seus labores e impedindo-lhes de participar no poder político e público.

Sabendo que os valores atribuídos para o ser masculino e ser feminino se constrói dentro da família e sociedade, criando regras e normas para cada sexo, legitimando uns e outros não, ensinando a obediência, mostrando o que é o tradicional e o que é o liberal, o fechado e aberto, permissão e autoridade. Estas categorias não passam de um imaginário social, na qual criam paradigmas dominantes e divisão da sociedade e desestruturação do meio ambiente. (AMARAL, 2001). O autor ressalta como é que estes fatores podem influenciar a camada feminina, e a que ponto pode nos levar.

Estas categorizações coloca o ser feminino em desvantagem, em posição inferiorizada e desvalorizada no contexto social. As diferenças biológicas são pretextos para as mulheres serem tratadas de forma desigual em relação aos homens, neste sentido as pessoas vão sendo educados para considerar as diferenças físicas entre homens e mulheres como sendo justificativa para tratar as mulheres, o mundo feminino, como inferior e desiguais (AMARAL, 2001, p. 11).

A diferença existente entre os sexos não se resume apenas no trabalho remunerado, como também pode ser encontrado nos outros tipos de trabalhos sem fins lucrativos, baseado naquilo que é considerado normal na sociedade sobre a definição da imagem feminina. De acordo com Fundação Heinrich Boll Stiftung (2007), os processos econômicos da globalização, com suas as sintonias e rupturas, causam efeitos muito diversos nas vidas de homens e mulheres, sendo frequentemente contra produtivos para o sexo feminino. Eles alteram os sistemas sociais, culturais e econômicos de diferentes modos. Entre os mancanhãs, se encontra grande das mulheres no comercio informal.

Tendo encontra algumas necessidades e fator, Borges (2004), o sector público, sendo o maior empregador, entre empregados/as, os homens se encontram mais no sector econômico formal e no mercado do trabalho formal. Quando o país começou a ter déficit financeiro, ouvi um grande número do desemprego, fazendo com que as mulheres assumissem alguma responsabilidade que era considerado tarefa dos homens, começando a fazer comercio informal para obtenção do capital, para sustendo da família. (FUNDAÇÃO BOOL STIFTUNG, 2007).

Percebe-se, neste sentido, a partir de dimensões cognitivas, afetivas e sociais, representações próprias sobre a ideia do ser masculino e do ser feminino são concebidas, estruturadas e se constituem em referencias para interpretar e categorizar o mundo, estabelecendo comportamentos e normas de conduta. (AMARAL,2001, P.14). Essa divisão, dos sexos, Tilio (2014, P.138), “pode influenciar muito na educação formal e principalmente na equidade de gênero. A construção das representações sociais dentro da família está relacionada com a fator de gênero, que ao logo do tempo vai construindo o reflexo de cada indivíduo dentro da sociedade e os laços de pertencimento”.

5. METODOLOGIA

5.1. Método de pesquisa

Metodologia, segundo Gerhard e Silveira (2009), é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência. Método, busca-se explicitar quais são os motivos pelos quais o pesquisador escolheu determinados caminhos e não outros. São estes motivos que determinam a escolha de certa forma de fazer ciência. (OLIVEIRA, 2011, p.7)

Portando, dada a natureza da nossa pesquisa, o presente trabalho trata-se de uma abordagem qualitativo sobre as histórias de vida e as narrativas sobre o empreendedorismo e até certo ponto, a percepção que elas têm do Estado e das ONGs no que concerne as atividades empreendedoras desenvolvidas pelas mulheres mancanhãs da cidade Bissau (Granja Pussube), no comercio formal/informal e nas demais atividades geradoras de rendas no desenvolvimento sustentável.

A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e coleta de uma variedade de materiais empíricos- estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; artefatos; textos e produção culturais; textos observacionais, históricos, interativos

e visuais- que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. (DENZIN,2006, p.17).

Sendo que este tipo de pesquisa “tem sido historicamente utilizada em alguns campos científicas de investigação nas ciências sociais, notadamente na antropologia, na história e na ciência política” (VIERRA, 2006, p. 19). A abordagem qualitativa, Gil (1999), propicia o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada, buscando-se o que era comum, mas permanecendo, entretanto, aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos. Métodos qualitativos podem ser usados para obter detalhes intrincados sobre fenômenos como sentimentos, processo de pensamento, e emoções que são difíceis de extrair ou de descobrir por meio de métodos de pesquisa mais convencionais (STRAUSS e CORBIN, 2008, p.24).

5.2. Técnicas de coleta de dados

A técnica é o caminho na qual a entrevistadora andou durante a elaboração do seu trabalho, com pormenores, os instrumentos a serem utilizados segundo as normas estabelecidos do trabalho. É resultado da experiência e exige habilidade em sua execução (OLIVEIRA, 2011). Nela, podem ser utilizar as seguintes técnicas de coleta de dados: pesquisa bibliográfica, estudo de campo, entrevistas, observação. Portanto, pretende se trabalha com as referidas técnicas nesta pesquisa.

Para o estudo de campo, os dados serão coletados através de entrevistas, utilizando questionários semiestruturados. Nesta fase serão entrevistas numa média 8 mulheres empreendedoras de Granja de Bissau, com a faixa etária de 35 a 55 anos de idade, buscando assim entender quais são as suas percepções sobre o empreendimento e como é que o mesmo pode conduzi-las a um nível socioeconômica sustentável. E se elas sentem beneficiarias das políticas públicas elaboradas pelo governo.

A entrevista é uma coleta dos dados, na qual o entrevistador busca as informações sobre os determinados assuntos, ela é uma das técnicas mais utilizado para a elaboração das pesquisas do campo. Porque ajuda o pesquisador a reter as informações objetivas e subjetivos na qual outros tipos de metidos não conseguem demonstrar. Como coleta de dados sobre um determinado tema científico é a técnica mais utilizada no processo de

trabalho de campo. Através dela os pesquisadores buscam obter informações, ou seja, coletar dados objetivos e subjetivos (BONI & QUARESMA, 2005). Este tipo de técnica é utilizado quando a pesquisadora deseja alcançar possível de informações sobre determinado tema, segundo a visão do entrevistado, e também para obter um maior detalhamento do assunto em questão. Ela é utilizada geralmente na descrição de casos individuais, na compreensão de especificidades culturais para determinados grupos e para comparabilidade de diversos casos. “As técnicas de entrevista aberta e semi-estruturada também têm como vantagem a sua elasticidade quanto à duração, permitindo uma cobertura mais profunda sobre determinados assuntos”. (BONI; QUARESMA, 2005, p.75). Este tipo de entrevista pode proporcionar o entrevistado a expor mais sobre determinados assuntos, porque geralmente nela se encontram uma durabilidade o que permite o entrevistador e o entrevistado a terem uma interação, e respostas espontâneos.

Quanto à duração, permitindo uma cobertura mais profunda sobre determinados assuntos. Além disso, a interação entre o entrevistador e o entrevistado favorece as respostas espontâneas.

Sendo que a observação do pesquisador é fundamental para o entendimento das ideias de processo da pesquisa e supõem que os fenômenos têm andamentos diferentes em distintos pontos do tempo, que se acumulam em certas direções, ou se transformam à medida que se desenrolam. A observação “é considerada uma coleta de dados para conseguir informações sob determinados aspectos da realidade” (OLIVEIRA, 2011, p. 38). Ela ajuda a pesquisadora a “[...] identificar e obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento” (MARCONI & LAKATOS, 1996, p. 79). Ela deve ser utilizada juntamente com outra técnica de pesquisa, pois, do ponto de vista científico, essa técnica possui vantagens e limitações que podem ser administradas com o uso concorrente de outras técnicas de pesquisa (MARCONI & LAKATOS, 1996, apud OLIVEIRA, 2011, p. 38).

Esta pesquisa não passa de uma revisão bibliográfico, cuja as nossas bases teóricas são baseadas nas fontes já existentes. Para a realização da mesma utilizamos as seguintes fontes que são: livros, revistas, teses, dissertação e artigos científicos. Na pesquisa bibliográfica a pesquisadora não tem como deixar de embebedar nas fontes já existentes, para fundamentar os seus argumentos. Pode ser através dos trabalhos já publicados ou não, para realização dos trabalhos acadêmicos os pesquisadores precisam consultar as matérias que tinham falado acerca do tema. Para obtenção desses dados ele precisa fazer a revisão bibliográfico (Gil,2010).

Em suma, todo trabalho científico, toda pesquisa, deve ter o apoio e o embasamento na pesquisa bibliográfica, para que não se desperdice tempo com um problema que já foi solucionado e possa chegar a conclusões inovadoras, e a sua principal vantagem reside no fato de fornecer ao investigador um instrumental analítico para qualquer outro tipo de pesquisa, mas também pode esgotar-se em si mesma (LAKATOS & MARCONI 2001, apud OLIVEIRA, 2011. p.40). Portanto, a método e as técnicas supra referidas servirão de base para o desenvolvimento do nosso trabalho.

5.3. Descrição de participantes

Os brames (Mancanhãs) constituem um grupo numericamente restrito e próximo dos papeis. Comparados com as outras etnias, os mancanhãs, fortemente lusitanizados, beneficiaram de uma taxa de escolarização mais elevada. Segundo o recenseamento geral da população e da habitação de 2008, os mancanhãs são 44.829 (INE, 2009).

O 67,5% dos mancanhãs se auto declara cristão, e perto de 14% pratica religiões animistas, uma minoria de 2,4% é muçulmana, e 3,8% sem religião. O crioulo é a língua principal falada por um 93% dos mancanhãs, e um percentual relativamente alto dos mancanhãs (60%) fala português; e entre as línguas estrangeiras faladas pelos mancanhãs aparece o francês em primeiro lugar 14% e o inglês com 8,1% (INE, 2009).

De acordo com o Instituto Nacional de Estatística (2009), os mancanhãs apresentam 86,2% de escolarização de 6 anos ou mais, dos quais um 51,3% são homens e 48,7% para as mulheres. Em um contexto nacional no qual o 43,7% dos guineenses responderam que nunca frequentaram a escola, e 34% tem educação secundária. 61,2% das mulheres mancanhãs está ocupada, frente ao 38,8 dos homens.

Na distribuição geográfica por região da etnia Mancanhã, se encontra 0,6% na região de Tombali, Quinara 1,7%, Oio 3,1%, Biombo 5,7%, Bolama bijagós 3,7%, Bafatá 1,8%, Gabú 1%, Cacheu 18,5% e Setor Autónomo de Bissau 63,9% (INE, 2009).

De acordo com estes dados, percebe-se que os mancanhãs tem número muito reduzido das pessoas. Além disso, vê-se que existe uma certa concentração dos mancanhãs no capital, Bissau, com uma percentagem de 63,9%, sendo que Gabú com menor percentagem, 1% dos mancanhas.

Segundo Djaló (2013, p. 55), os Mancanhãs “testemunham uma forte coesão étnico e praticam a endogamia na qual as mulheres têm um peso considerável”. Ainda demonstra que os mancanhãs estão divididos em três grupos, espalhados por todo território nacional, onde são designados de acordo com as localidades encontradas, sendo que os (1) Mancanhãs de Bula são denominadas Baúla, que significa Bula; (2) os Mancanhãs de Cói são conhecidas como Bá-ó, referente Cói; e (3) os Mancanhãs de Bolama são chamadas de Bá-lama, em consideração cidade de Bolama.

Os Brames são organizados em pequenos regulados tendo Bassarel como sendo principal. A desintegração desta confederação ocorre no final do século XIX, resultando na autonomia dos 28 regulados que a compunham. As organizações sociais são idênticas dos manjacos e dos papeis (DJALÓ, 2013). Dentro das ramificações dos Brames se encontram Manjacos, Papeis e os Mancanhãs e as suas formas de lideranças são quase todos idênticos, pois são tutelados pelos régulos e chefes de aldeias.

A Bula, conhecida como capital dos mancanhãs, não se restringem apenas em cidade de bula, mas sim estão espalhados em território da Guiné-Bissau nas algumas regiões de Senegal, em particular Casamansa, Senegal. Hoje em dia, os mancanhãs estão presentes em todas as regiões administrativas do país.

5.4. Análises Realizadas

Sendo uma pesquisa de caráter qualitativo, Bardin (1977), os dados serão comparados através de categorias que são criadas. Em relação às perguntas referente à percepção das mulheres frente às ações realizadas, na qual serão agrupadas as respostas semelhantes nessas categorias criadas a partir de suas falas.

5.5 Aspectos Éticos

A pesquisa, sendo atividade humana, o pesquisador deve assumir a sua responsabilidade sendo ele moderador da discussão. Sua relação com os sujeitos da pesquisa se faz de forma atencioso, ficando emocionalmente longe do campo do estudo

para que a sua subjetividade não interfira nos resultados da pesquisa. Como afirmam Cruz e Ribeiro (2003, p. 30), “é preciso que o pesquisador tenha consciência da possibilidade de sua formação moral, religiosa, cultural e de sua crença de valores para que os resultados da pesquisa não sejam influenciados além do aceitável”.

Neste sentido, é relevante que o pesquisador seja menos subjetivo, isto é, ser mais objetivo levando em consideração o sentimento dos intervenientes na pesquisa (HAAG, et al. 2017). Assim sendo, nesta pesquisa levaremos em consideração a questão da ética, onde os questionários serão aplicados forma consensual de todos.

6- REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AMARAL, Célia Chaves Gurgel do. Família às avessas: Gênero nas relações de familiares de adolescentes. Fortaleza: EUFC, 2001.

AMORIM, Rosane Oliveira; BATISTA, Luiz Eduardo. Empreendedorismo Feminino: Razão do Empreendimento. Pitágoras. 2012;3(3):1-13 Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170602115149.pdf>Acesso em: 27 jul.2018.

ANEME – Associação Nacional das Empresas Metalúrgicas e Eletromecânicas. Estudo Guiné-Bissau: enquadramento, perspectivas de desenvolvimento, levantamento e caracterização das empresas comerciais e industriais, abril, 2018

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1977.

BARROS, Miguel & SEMEDO, Costa Odete. A participação das mulheres na política e na tomada de decisão na Guiné-Bissau da consciência, percepção à prática política. 1. Ed. Guiné-Bissau: Uniogbis, 2013.

BARROS, Miguel. A Sociedade Civil e o Estado na Guiné-Bissau: dinâmicas, desafios e perspectivas. 1ª Edição: ISBN, outubro de 2014.

BONI, Valdete e QUARESMA, Sílvia Jurema: Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005.

BORGES, Manuela. Negociando Sociabilidade em Meio Urbano: O Associativismo Feminino em Bissau (Guiné-Bissau, África Ocidental). Coimbra, 2004.

CÁ, Lourenço Ocuni. Estado: Políticas Públicas e Gestão Educacional. Ed.UMT: Cuiabá, 2010.

Carta de princípios da Economia Solidária. *_PDF_POWERED _PDF_GENERATED* 27 March, 2015, 17:27. <<Disponível na web: http://cirandas.net/articles/0030/2526/carta_de_principios_do_FBES.pdf. Acesso em 3/10/2018>>.

CHIAVENATO, Idalberto. Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor: 2.ed. rev. E atualizada. - São Paulo: Saraiva, 2007.

CRUZ, C.; RIBEIRO, U. Metodologia Científica: teoria e prática. Rio de Janeiro: Axcel Books, 2003.

DENZIN, Norman k., Planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e Abordagens. Tradução: Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DJALÓ, Tcherno. O mestiço e o poder: Identidade, Dominações e Resistências na Guiné. 2.ed. rev. Nova veja, 2013.

DORABELA, F. Atividades e experiências. Entrevista, setembro de 2008.

FMI - Fundo Monetário Internacional. Relatório para Países e Assuntos Seleccionados, abril 2018.

FONSECA, Domingos da. Os mancanhãs. Ed. Kunsí mon. Bairro de ajuda 1 fase, C.p.268-Bissau: Guiné-Bissau, 1997.

FUNDAÇÃO, Heinrich Boll Stiftung. Política de gênero faz a diferença. Tradução. Carolina Corso. Berlim, outubro de 2007.

GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). Métodos de pesquisa; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antônio Carlos. Como Elaborar Projeto de Pesquisa: 5.ed. São Paulo: Atlas A.S-2010.

GOMES, Almiralva Ferroz. Ação Empreendedora e Relações de Gênero: Um Estudo Multicasos na Cidade de Vitória da Conquista, Bahia. Lavras-UFLA, 2010.

Guiné – Bissau. Plano de Acção Nacional para a Implementação da Resolução 1325 (2000).

HAAG, Roselei, et al. A Ética na Pesquisa: um estudo das pesquisas desenvolvidas pelos Programas De Pós-Graduação em Administração no Brasil. XX SEMEAD Seminários em Administração, ISSN 2177-3866, novembro de 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE). III Recenseamento geral da população e habitação [2008]. Características socioculturais. Bissau: 2009.

INJAI, Mamadi Quelentâ. Políticas Públicas na perspectiva de desenvolvimento rural sustentável da Guiné-Bissau. Pato Branco: UTFPR, 2014.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos metodologia científica. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. Metodologia Científica: um manual para a realização de pesquisas em administração. - Catalão: UFG, 2011.

Projeto do Plano de Acção Nacional da Luta Contra a Desertificação na Guiné-Bissau (PAN/LCD)

RAMOSE, Mogobe B. A ética do ubuntu. Ed. The African Philosophy Reader. New York: Routledge, 2002.

RUIZ, Alonso Félix; LÓPEZ, Francisco Granizo; CASTRUCCI, Plínio de Lauro. Curso de Ética em Admiração: 2.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

STRAUSS, Anselm L. e CORBIN Juliet. Pesquisa Qualitativa: Técnicas e Procedimento para o Desenvolvimento de Teoria Fundamentada. Tradução de Oliveira da Rocha. – 2 ed. - Porto Alegre: Artemed ,2008.

SYLLA, Balle Momar. Avaliação da Pobreza na Guiné-Bissau. Bissau: 2002.

Tabela Estatística da Guiné-Bissau. <<Disponível na web: <http://vidal.planetavida.org/paises/guine-bissau/o-pais/tabela-estatistica-da-guine-bissau/>. Acesso em: 18/09/2008>>.

TILIO, de Rafael. Teorias de Gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. Niterói, 1.sem.2014.

Acessar: <http://www.ipoareview.org/wp-content/uploads/2016/04/REPORT-GUINEA-BISSAU/> >Acesso em: 2/10/2018.

Acessar:http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST13/Gessika_Cecilia_Carvalho_da_Silva_13/>acesso em 2/10/2018.